

## Multicolorismo e intertextualidade em *O grande mentecapto*, de Fernando Sabino

### Multicolorism and intertextuality in *O grande mentecapto*, by Fernando Sabino

Gustavo Rocha Ferreira e Silva<sup>1</sup>

#### RESUMO:

A obra *O grande mentecapto*, de Fernando Sabino, é como uma paleta de cores: vemos nela muitas tonalidades diferentes, algumas até mesmo opostas entre si. Como se não bastasse a presença de um narrador multifacetado, que transita por distintas dimensões temporais e lança mão de um estilo marcadamente prolixo e rebuscado, temos aqui uma narrativa composta por cenas cômicas, trágicas, sérias e satíricas, elementos que atuam na construção de uma forma narrativa singular capaz de desnudar a loucura cotidiana brasileira de sua época. O presente artigo visa analisar detalhadamente cada um dos tons que compõem o romance, bem como desvelar seus pontos de intertextualidades, sobretudo com autores renomados da literatura mineira.

**PALAVRAS-CHAVE:** *O grande mentecapto*; Fernando Sabino; literatura mineira; intertextualidade

---

<sup>1</sup> Graduação em Jornalismo pela PUC-Rio. Mestre e doutorando em Literatura Brasileira pela UFRJ. E-mail: [gustavo.rfs@gmail.com](mailto:gustavo.rfs@gmail.com). Lattes: [encurtador.com.br/1CW17](http://encurtador.com.br/1CW17). Orcid: 0000-0003-0666-1654.

**ABSTRACT:**

The novel *O grande mentecapto*, by Fernando Sabino, is like a palette of colors: we see in it many different shades, some even opposite from each other. As if the presence of a multifaceted narrator was not enough, who moves through different temporal dimensions and uses a markedly prolix and far-fetched style, here we have a narrative composed of comic, tragic, serious and satirical scenes, elements that act in the construction of a singular narrative form capable of laying bare the Brazilian madness of its time. This article aims to analyze in detail each of the tones that make up the novel, as well as to reveal their points of intertextuality, especially with renowned authors of Minas Gerais literature.

**KEYWORDS:** *O grande mentecapto*; Fernando Sabino; Minas Gerais literature; intertextuality

## Introdução

*O grande mentecapto* é certamente um dos mais reconhecidos romances de Fernando Sabino. Adaptado ao cinema em 1989, a obra pode ser analisada a partir de diferentes pontos de vista. O nosso, a ser desenvolvido nesse artigo, se refere ao multicolorismo temático do romance. Isso porque a obra pode ser encarada como uma verdadeira paleta de cores. Afinal, vemos nela tonalidades diferentes, algumas até mesmo opostas entre si, como seus tons cômicos e trágicos. Como se não bastasse seu multicolorismo temático, *O grande mentecapto* também dialoga com outros autores, sobretudo da literatura mineira. São essas as premissas que irão nortear a análise do presente artigo.

### 1. Tons claros: os contornos humorísticos

Começamos com o diálogo entre Viramundo e Dionísio, estudante de engenharia de Ouro Preto. Ele separa uma briga entre o mentecapto e um engraxate que lhe lustrava os sapatos. A cena adquire teor cômico pela incapacidade do protagonista em compreender o sentido exato das palavras ditas pelo jovem, somada à dignidade e distinção com que se porta. Vemos no trecho não só uma direta menção a um dos episódios da vida de Jesus, como também os primeiros sinais mais claros de sua incontornável loucura.

- Onde é que você mora? – perguntou.
- Ainda não fixei residência.
- Pois então venha comigo. Moro numa república.
- Muito obrigado. Sou monarquista, mas respeito os regimes legalmente constituídos.
- Você tem algum dinheiro? – insistiu o estudante.
- No momento estou desprevenido. Lamento não poder atendê-lo.
- E acrescentou, metendo a mão no bolso:
- Ou por outra: se não me falha a memória, disponho desta moeda, que achei ali na rua. Cuja, aliás, vou dá-la de esmola. A César o que é de César, a Deus o que é de Deus [...].
- Depois pôs-se a remexer nos bolsos e foi retirando deles um rolo de barbante, uma escova de dentes, um terço arreventado, um toco de lápis, um pedaço de pão seco, vários recortes de jornais meio esfrangalhados, um lenço vermelho e uma caderneta de notas velha e ensebada.
- É tudo que você tem? – perguntou o estudante.
- É o meu cabedal [...].
- E a caderneta: posso vê-la?

- Lamento muito, mas são assuntos particulares.
- E o barbante, para que serve?
- Viramundo olhou-o, admirado:
- Então você não sabe para que serve um barbante?
- O estudante tomou-o pelo braço:
- Vamos até lá em casa – insistiu. – Tenho alguma roupa que já está apertada para mim, pode ser que sirva para você.
- Muito agradecido, mas não compro roupa usada.
- Não é para comprar, é de presente! – retrucou Dionísio, surpreso.
- Prefiro ficar com a minha, mesmo.
- A sua não está mais do que usada?
- Mas por mim mesmo (SABINO, 1980, p. 62-3).

Este diálogo é de fato recheado de gatilhos humorísticos, ativados muito por conta da capacidade do escritor de explorar diferentes acepções de uma mesma palavra. Além da dignidade com que se porta, não deixa de ser engraçada a confusão do protagonista, que não entende nem o sentido exato das mensagens nem a intenção do universitário em ajudá-lo. Para ele, a “república” a que Dionísio se refere consiste no regime político, e não em uma residência dividida por estudantes.

A oferta de dinheiro é entendida como um pedido de esmola, enquanto a de uma roupa usada é recebida como proposta comercial. Os simples objetos que carregava no bolso constituíam um “cabedal”. O barbante rende outra escalada humorística, já que o mentecapto não compreende a pergunta. Dionísio queria saber para que ele precisava de um barbante, e não para que serve um barbante. Sua inocência e sua loucura aram o terreno para o desabrochar de situações cômicas.

Outra situação hilária é o atropelamento de Viramundo pelo carro que levava o governador Ladisbão em sua visita a Ouro Preto. O personagem ouve a filha do mandatário, Marília, dizer ao motorista “Você quase matou o vagabundo!” (SABINO, 1980, p. 66). No entanto, dado seu quadro de loucura, acaba entendendo “Você quase matou o Viramundo!”. A confusão é o bastante para seu coração se encher de gratidão e para que se dê início a um amor de acentuado contorno platônico. É o bastante, também, para a ocorrência de um novo gatilho humorístico na narrativa, além de uma intertextualidade com o soneto “Sete anos do pastor Jacob servia”, de autoria de Luís Vaz de Camões, presente na fala lamuriosa do protagonista.

Viramundo já se via diante daquela que seria a sua amada a vida inteira. E já se sentia correspondido, entregando-se ali mesmo a uma paixão mais cega do que o velho Elias, a quem imediatamente desistiu de visitar. Só de pensar na

distância que o separava de sua amada (o carro já ia longe), seus olhos se enchiam de lágrimas:

– Para tão longo amor, tão curta vida! – suspirou ele (SABINO, 1980, p. 67).

O talento de Sabino no manuseio do idioma pode ser notado não só pela exploração das diferentes acepções de um mesmo termo. Esta versatilidade fica evidente até mesmo na criação de ditados populares atribuídos a Viramundo. É interessante apontarmos que quem assim se expressa o tempo todo é Sancho Pança, companheiro leal de Dom Quixote. O falar mediante provérbios ajuda a fazer, da figura de Viramundo, uma espécie de eco ou fusão de Quixote e Sancho.

Este modo de se expressar confere um cunho bastante popular ao protagonista. Todos estes ditados apresentam certa veia cômica, sobretudo por rimarem. O primeiro surge em um desentendimento com Elias, idoso e cego. O mentecapto não gosta da reação do amigo ao lhe segredar sua paixão por Marília Ladisbão. Dando a entender que Elias deveria se dar ao respeito por sua condição senil, o protagonista diz “Quem a velhice desmerece, pela língua apodrece” (Sabino, 1980, p. 68).

Vemos o próximo logo na página seguinte. Os estudantes de Ouro Preto estavam às voltas com os preparativos de uma peça sobre a Inconfidência Mineira. Viramundo toma Dionísio pelo braço e revela a intenção de lhe confessar algo. Ele se esquivava, alegando estar muito ocupado, ao que o mentecapto responde “Minha confiança nada tem a ver com a sua Inconfidência. Cada um sabe o que sabe, com a confiança que lhe cabe” (SABINO, 1980, p. 69). E é o mesmo Dionísio o receptor de mais uma das máximas mentecaptas. O prefeito de Ouro Preto havia organizado um baile em homenagem ao governador, ali presente com sua comitiva. Acompanhando-o estava ninguém menos que Marília Ladisbão, alvo do amor de Viramundo. Ao saber disto, o protagonista envia-lhe uma carta anunciando que iria à festa.

Acontece que aquela troca de mensagens por escrito era nada mais que uma brincadeira de mau gosto dos estudantes, que se faziam passar pela filha do mandatário. Eles forjam uma resposta como se fosse de autoria da moça, incentivando Viramundo a comparecer. No dia do baile, Dionísio o tenta dissuadir, enfim revelando que tudo não passava de troça dos rapazes. O mentecapto não acredita e, em tom de hombridade e galhardia, responde: “Quem tem topete não vê tapete” (SABINO, 1980, p. 77). Após toda a confusão ocorrida no salão, decide deixar

Ouro Preto, “o que já não era sem tempo, pois, como ele próprio costumava dizer, quem embica em cidadela, suas barbas arrepela” (Sabino, 1980, p. 81).

Também podemos mencionar a cena em que Viramundo tenta comprar todas as rosas da floricultura de Herr Bosmann, em Barbacena, para enviá-las à Marília Ladisbão. O alemão, medindo-o de alto a baixo, duvida que o mendigo poderia lhe pagar. Acaba tomando-o como mais um dos muitos loucos que vez ou outra fugiam dos manicômios da cidade. Com a mesma coragem e petulância da cena anterior, Viramundo responde: “Trocaria todo o dinheiro que tivesse, se o tivesse, pelas rosas que o senhor tem. E o dinheiro que tem lhe baste, que rosa caída não volta à haste” (Sabino, 1980, p. 85).

Além de cômicos, alguns dos ditados do mentecapto não deixam de ter certa dose de enigma. Para nós, o sentido se aproxima de algo como “mesmo que eu não tenha quase nenhum dinheiro, isso é mais que suficiente, porque o seu produto – as rosas – mesmo que esplêndidas no momento, logo inevitavelmente vão murchar – não voltam à haste – e, portanto, não valerão coisa alguma”. Não deixam também de ser um pouco engraçados se considerarmos o contexto da cena, ainda mais pelo fato de o protagonista querer comprar todas as mais de noventa mil rosas sabendo não ter nem um centavo no bolso.

Depois de levar inúmeras bordoadas e pancadas no lombo, um ressentido Viramundo resolve parar em uma venda para pedir um copo d’água. Ali se depara com um sujeito barbado e careca, traços que lhe renderam a alcunha de “Barbeca”. Ao vê-lo, pensa “Barba cerrada e careca rapada: urubu camarada” (Sabino, 1980, p. 87). A intuição de Viramundo estava correta: é imediata e mútua a simpatia com Barbeca. Ele o acompanha em momentos cruciais de sua trajetória, como a primeira e segunda internações no manicômio e a revolta popular que lidera em Belo Horizonte, cumprindo seu destino. Barbeca também integrou a “comitiva” que rumava ao Rio de Janeiro quando da emboscada sofrida por Viramundo.

O próximo ditado surge somente 57 páginas depois. Certo dia, quando o protagonista perambulava pelas ruas de São João del Rei, ouviu o som de um fagote vindo de uma farmácia. Era o próprio farmacêutico, seu Policarpo, quem estava tocando o instrumento. A dor de dente do mentecapto é o pretexto para o início de uma conversa, que resulta no convite para que assumisse o cargo de zelador do casarão do Marola, edifício abandonado em que eram realizados os ensaios da orquestra Euterpe Lira de Ouro, da qual seu Policarpo fazia parte. Em troca, receberia alimento e um ordenado. Viramundo aceita, mas com uma ressalva: “Dinheiros

de sacristão, cantando vêm, cantando vão. Contento-me com casa, comida e roupa lavada” (SABINO, 1980, p. 144).

O ditado seguinte surge pouco antes da fatídica cena, ocorrida em Uberaba, em que o protagonista doma uma vaca brava que havia se desgarrado do curral que a levaria à Grande Exposição Agropecuária. Viramundo se abrigara na casa do pintor Erich Raspe, alemão de nascimento, que encontrara no Triângulo Mineiro o sossego que tanto buscava. Acontece que Raspe estava metido em um litígio com seu vizinho, por questão de limites de propriedades. Dado seu prestígio político no local e sua posse de grande número de cabeças de gado, este era conhecido por “Barão”, apesar de não ter nenhum título nobiliárquico.

O conflito se acirra quando alguns dos animais passam a cruzar a cerca e a pisotear a horta de Raspe. Vendo uma vaca em seu terreno, o alemão toma uma espingarda e atira, na intenção somente de afastá-la. Acontece que acaba atingindo outra vaca, mantida em estábulo especial por seu alto valor, tamanha a chance de tirar o primeiro lugar na exposição agropecuária. Foi exatamente este o animal que Viramundo veio a domar depois, para espanto da filha do governador. A sorte era a de que o tal “Barão” estava em viagem. Mesmo assim, Erich Raspe ficou muito preocupado, temendo complicações judiciais mais graves. O mentecapto lhe responde “Para tudo existe jeito, quando por mal não foi feito” (SABINO, 1980, p. 173). Acompanhado por um veterinário, vai à noite ao estábulo e fixa os chifres da vaca com um pouco de cola que o pintor havia preparado.

O último dos ditados que pretendemos destacar se dá logo duas páginas depois. Vemos o mentecapto já em Leopoldina, após deixar Uberaba. É ali que conhece Maria Eudóxia, simpática confeiteira que deu com o mendigo na porta de sua casa, espiando seus doces. Ela lhe oferece um empadão de galinha que havia sobrado do almoço. Pergunta-lhe o nome e diz o seu, ao que o mendigo responde com “Muito prazer, senhora dona Maria Eudóxia. Quem tem coração aberto, de Deus está sempre perto” (SABINO, 1980, p. 175).

Outro trecho engraçado é o da peça encenada pelos estudantes de Ouro Preto, por ocasião da visita do governador. O enredo reconstruía a Inconfidência Mineira. Na cena da condenação de Tiradentes, alguém teria que cruzar o palco e bradar “Infâmia! Traição!”, fugindo dos guardas logo em seguida. No entanto, nenhum dos universitários aceitou interpretar o papel. Dionísio, o mesmo da cena do conflito entre o engraxate e Viramundo, o convida a

preencher esta vaga. Como artimanha de persuasão, diz que a amada Marília Ladisbão estaria na plateia.

O grande mentecapto concorda e passa a ensaiar sua parte com afinco. Acontece que, tomado de impaciência para esperar sua hora, acaba entrando no palco muito antes do combinado. O público vai às gargalhadas e vaia o espetáculo, só parando quando começa o julgamento de Tiradentes. Eis que enfim chega a hora certa de Viramundo. Não se contentando com sua curta fala, improvisa uma outra direção ao enredo, totalmente contrária ao previsto.

– Infâmia! Traição! Para trás, míseros beaguins! Enquanto eu for vivo, tal vilania não se consumará! Fariseus hipócritas! Condutores cegos, que filtrais um mosquito e engolis um camelo! Trazei-me Tiradentes.

E como os chamados beaguins, desorientados, se recusassem a obedecer, Viramundo correu ao proscênio e de uma cajadada certa pôs abaixo a forca de papelão, que tanto trabalho custara aos estudantes fazer ficar de pé.

– Pronto, ninguém mais será enforcado! Restaure-se a verdade histórica! Glória aos inconfidentes!

E Viramundo, empolgado, o peito arfante, descansou o cajado e correu os olhos pela plateia que o ovacionava, às gargalhadas. Deste momento se aproveitaram os estudantes para cair sobre ele às bofetadas, enquanto outros lá nos bastidores faziam às pressas cair o pano sobre cena tão grotesca (SABINO, 1980, 72-3).

É então que se dá início à forjada troca de cartas entre Viramundo e Marília Ladisbão, ou melhor, Leandro, um dos estudantes que se fazia passar pela filha do governador. A ideia havia sido de Dionísio, penalizado com o estado de saúde do protagonista após a surra que levava por seu improvisado na peça. É ele quem redige o primeiro bilhete, em que “Marília” elogia a atuação do mentecapto. Pronto: Viramundo recobra a esperança de conquistá-la e inicia um quase interminável rascunho até chegar enfim a uma resposta definitiva, esforço que lhe custa inúmeras folhas de papel. O gatilho humorístico está na extensão da carta comparada à reação de Dionísio, que finge achar o texto conciso.

– Não sei como fazer chegar esta epístola às mãos de Sua Alteza.

– Deixe por minha conta.

– Temo que esteja um pouco extensa.

– Absolutamente – respondeu o estudante, verificando que a carta tinha 67 páginas (SABINO, 1980, p. 75).



Mais para o final do capítulo IV, nos deparamos com outra cena de acentuado teor cômico. Trata-se de um diálogo entre Viramundo e o amigo Barbeca, ainda em Barbacena, a respeito das correntes políticas da cidade. O riso é despertado sobretudo por conta do confuso e contraditório posicionamento ideológico do protagonista.

- Você é biista ou bonifacista?
- Fascista nunca fui, não sou e jamais serei – respondeu Viramundo, melindrado. – Sou liberal-democrata, monarquista e parlamentarista.
- Você não me entendeu – tornou o outro, impaciente. – Quem é que falou em fascista? Eu falei em *bonifacista*.
- Que vem a ser isso?
- É quem apoia os bonifácios.
- Sei lá quem são os bonifácios! – respondeu o mentecapto, já por conta do Bonifácio.
- São os inimigos dos bias – informou Barbeca.
- Quem são os bias?
- São os inimigos dos bonifácios (SABINO, 1980, p. 96; grifo do autor).

Logo em seguida se dá talvez o mais hilário trecho de *O grande mentecapto*: a conversa entre Geraldo Viramundo e o renomado romancista francês Georges Bernanos, radicado em Barbacena. O protagonista, ao saber que o ilustre literato desconhecia o português, despeja todas as poucas frases que sabia do idioma de Victor Hugo, sem a menor conexão umas com as outras: “– Après moi, le déluge! À quelque chose, malheur est bom! À tout seigneur, tout honneur! L’État c’est moi! Le léon est le roi des animaux! Le roi est mort, vive le roi! Sans peur et sans reproche! Tout le monde et son père! Et pour cause! Excusez du peu!”<sup>2</sup> (SABINO, 1980, p. 98).

O escritor demonstra grande habilidade no manuseio de ambas as línguas, ao tecer um diálogo cuja exageração cômica é despertada pela aproximação de termos de sonoridades semelhantes. Por já ter lido um livro de sua autoria e por admirá-lo muito, Viramundo decide homenagear Georges Bernanos lhe oferecendo um presente, isto é, um coco-da-serra que havia encontrado na manhã daquele dia.

- Peço-lhe que não ponha reparo na humildade desta oferenda.  
O outro examinou o fruto com interesse:

---

<sup>2</sup> “– Depois de mim, o dilúvio! A qualquer coisa, o infortúnio é bom. A todos os senhores, toda a honra. O Estado sou eu! O leão é o rei dos animais! O rei está morto, viva o rei! Sem medo e sem censura! Todo mundo e seu pai! E por um bom motivo! Desculpe o pouco!” (Sabino, 1980, p. 98).

- Comment s'appelle ça?<sup>3</sup>
- Come-se com a mão, mas não se péla: quebra-se – respondeu Viramundo.
- Comment?<sup>4</sup>
- Com a mão ou com o que o senhor quiser. Batendo na casca ela quebra.
- Je ne comprends pas<sup>5</sup>.
- Não é para comprar: eu estou lhe dando de presente.
- Je ne comprends pas, mon ami<sup>6</sup>.
- Não é para comprar, já falei! Estou lhe oferecendo de graça! (SABINO, 1980, p. 99).

Por último, temos a despedida de Viramundo da “pensão” da zona boêmia de Belo Horizonte. O “estabelecimento” era administrado pela viúva Correia Lopes, a mesma dos tempos de seminário em Mariana, agora “dona Lina”. Por conta da fama de corajoso que angariou após defender a meretriz Marialva das mãos de um valentão, em Montes Claros, Viramundo fora admitido como zelador.

A antiga viúva Correia Lopes ficou confusa – no fundo sempre soubera que era ele aquele jovem que a protegera contra a fúria da multidão. Abraçou-o, emocionada, respirando fundo para não chorar, pediu que ele ficasse:

- Pensando bem, talvez a gente dê um jeito...
- De mulher é que não me vestirei – respondeu ele, sério (SABINO, 1980, p. 200).

Está na loucura e na inocência do personagem a origem de muitas das situações cômicas do romance. A tonalidade humorística é de fato uma das principais marcas de *O grande mentecapto*. Também é o caso da cor contrária: a tragédia também dá as caras em alguns momentos de sua trajetória. Ainda que em menor frequência, as cenas tristes são de uma pungência digna de nota. É a elas que voltaremos o olhar a partir de agora.

## 2. Tons escuros: os contornos trágicos

A primeira destas cenas é um desdobramento da grande façanha de Viramundo quando criança: ter conseguido parar o trem que passava por Rio Acima. A fama que ganhou não se

<sup>3</sup> “– Como se chama isso?” (Sabino, 1980, p. 99).

<sup>4</sup> “– Como?” (Sabino, 1980, p. 99).

<sup>5</sup> “– Não compreendo” (Sabino, 1980, p. 99).

<sup>6</sup> “– Não compreendo, meu amigo” (Sabino, 1980, p. 99).

restringiu ao círculo de amiguinhos: até mesmo os adultos começaram a reconhecê-lo nas ruas e a comentar sobre seu feito, o que muito envaideceu seu pai. No entanto, não demorou para o pequeno Geraldo se incomodar com todo aquele estrelato repentino.

Tão grande era sua fama no povoado que um dos colegas, Pingolinha, resolveu imitar sua façanha. Num domingo, comunicou a outro menino que também faria o trem parar. A notícia logo se espalhou. Todos correram até a estação, na tentativa de impedi-lo. Entre eles estava seu pai, seu Gervásio, sapateiro, que na pressa acabou entornando uma caixa de pregos. E foi o próprio que, uma hora mais tarde, voltou “caminhando devagar, como um autômato, e seguido pelos outros como numa pequena procissão, a carregar nos braços, enrolado no próprio avental, o que restava do corpo do Pingolinha” (SABINO, 1980, p. 24).

O velório foi realizado no mesmo dia. Entre os presentes cresceu uma onda de indignação, acentuada pela ausência de Seu Boaventura, pai de Viramundo, que não soubera do caso simplesmente porque não abria sua mercearia aos domingos. Infelizmente, “de nada adiantaram suas explicações. Os homens falaram alto, xingaram, cobriram de insultos toda a sua família. Só não acabaram depredando a casa dele e saqueando a venda porque de repente começou a cair uma chuva grossa, que os botou em debandada” (SABINO, 1980, p. 26). O pequeno Geraldo Viramundo a tudo escutou, “voltou para a cama e chorou quase a noite toda” (SABINO, 1980, p. 26).

O incidente foi mais que o bastante para fazer com que o protagonista se isolasse, passando a correr pelos pastos, a tomar banho no rio e a empinar pipas sozinho. Nem mesmo com os irmãos se misturou mais. Este período de desolação e introspecção durou até seus quinze anos, quando terminou o grupo escolar e passou a trabalhar em uma olaria, tendo que lidar com o intenso calor do grande forno. À noite, cruzava a ponte sobre o rio e ia se sentar numa das pedras do barranco.

Lembrava-se da morte do Pingolinha, nunca mais esqueceria a impressão que teve do enterro, o caixãozinho branco que na última hora arranjaram, o cortejo a pé da sapataria ao cemitério, a cara do seu Gervásio, a reza do padre, a terra caindo na sepultura com um barulho oco. Olhava longamente os trilhos de aço que brilhavam à luz da lua, e se perdiam longe, no infinito. Sentia uma emoção tomá-lo de repente, que era a um tempo o medo da morte e uma vontade de partir. Nada ele desejava mais na vida que um dia tomar o trem e ir para longe, longe de todos, para um lugar que não sabia onde (SABINO, 1980, p. 27).

O tal lugar acaba se revelando: o seminário de Mariana. Por esta época, seu pai já havia se mudado para a cidade, deixando a casa e a mercearia aos cuidados de Breno, o filho mais velho. O padre Limeira, que fora vigário em sua cidade natal, se hospedou ali por uns dias. Aos poucos, o contato com o sacerdote foi sedimentando em Viramundo uma crescente vocação eclesiástica. É ao final do primeiro capítulo que o vemos se despedir de seus pais e embarcar em um trem rumo à Mariana.

Geraldo se revela um aluno dedicado. Seguia todos os preceitos e cumpria com todas as suas obrigações no seminário. Com o passar dos anos, deixou de ser aquela figura risonha, brincalhona e corajosa o bastante para fazer um trem parar: “Era agora um rapazinho mirrado e triste, com duas espinhas na testa, precocemente envelhecido, a mocidade e alguns dentes irremediavelmente estragados, que sabia de cor os Evangelhos e vários trechos de Santo Agostinho” (SABINO, 1980, p. 36). Sua introspecção o levava a se isolar vez ou outra, na hora da folga, para meditar na capela. De fato,

nada na sua figura faria lembrar o menino que ele fora, nem sugeria o homem que ainda viria a ser. Estava, por assim dizer, num instante de transição em que a existência parece pairar em suspenso entre dois vazios ou entre dois mistérios que se completam; atingira aos dezoito anos aquele momento de não ter mais o passado como companheiro nem de reconhecer suas visões [...]. Na verdade, seus pensamentos, embora dessa ordem, deviam ser bem intensos, pois ao fim de certo tempo ele começou a chorar. E tanto chorou, sentado no banco da capela, que em breve suas lágrimas formavam uma larga poça nos ladrilhos (SABINO, 1980, p. 36-7).

Não é exagero algum afirmarmos que há contornos razoavelmente trágicos no processo de amadurecimento do personagem. Não só neste período, claro, mas chama atenção o impacto que a morte de Pingolinha teve em seu estado de espírito. Quando do triste incidente, Geraldo contava com dez anos. Em Mariana, com dezoito. O narrador não traz nenhum evento alegre neste intervalo de tempo. Isto nos leva a crer que o protagonista esteve imerso em uma atmosfera de isolamento e introspecção, com episódios de intensa tristeza, como a cena que destacamos acima.

Tais contornos retornam pouco mais de cem páginas depois, quando Viramundo finalmente se dá conta de que era falsa a troca de cartas com Marília Ladisbão. Não foi por falta de aviso: Dionísio, o estudante de Ouro Preto, o tentou alertar algumas vezes. No entanto, sua

loucura lhe impediu maior discernimento. Um feixe de lucidez enfim brotou em sua mente em São João del Rei.

Ambos se reencontram no Hotel do Espanhol. O agora tenente Dionísio estranha o ímpeto com que Viramundo o aborda, movido pelas recordações daquela “que elegera como sua amada para o resto da vida” (SABINO, 1980, p. 140). Diante da reiterada revelação de que era Leandro o autor das cartas, o mentecapto simplesmente o olhava estarecido, sem nem piscar. O desenrolar do caso não deixa de apresentar um colorido trágico, tamanha sua desilusão.

Era tão pungente a súbita consciência da verdade, que Viramundo se afastou dali como um sonâmbulo, trocando as pernas pela rua. Apalpou no bolso o maço de cartas que nunca mais deixara de carregar consigo, mesmo nos tempos de guerra, em pleno fragor da batalha. Debruçou-se na amuada do rio do Lenheiro e pôs-se a rasgá-las, uma por uma, em mil pedacinhos que esvoaçavam no ar como borboletas alucinadas, tangidos pelo vento que soprava. Deixou escapar um soluço estrangulado como se limpasse a garganta, endireitou-se e foi andando (SABINO, 1980, p. 141).

Aliás, vale dizermos que a fatídica cena da vaca brava, que veio a domar em Uberaba, comprova que Viramundo realmente entendeu a verdade e se conformou. Isto porque tamanhas foram a confusão e correria pelas ruas que à certa altura o animal esteve a menos de três metros de Marília Ladisbão, que fora à cidade para acompanhar seu pai, o governador, na Grande Exposição Agropecuária. O mentecapto aplicou tanta força nos chifres da vaca que conseguiu rompê-los. Ele os ergueu no ar em posição de triunfo e fez uma reverência ao público estarecido, como um toureiro. Logo notou que Marília “acenou para ele, rindo, divertida, e pedindo-lhe que se aproximasse. Ele, porém, limitou-se a fixar nela um olhar que era a um tempo mensagem de amor e de despedida para sempre. Depois voltou-lhe as costas e perdeu-se na multidão” (SABINO, 1980, p. 174).

Também notamos contornos trágicos quando da traição cometida por João Tocó. O mentecapto tanto se compadeceu com sua triste história que ajudou a planejar sua fuga. O favorecido prometeu que voltaria após rever a família, com quem não se encontrava havia seis anos. Ambos trocaram de roupa e aguardaram a vinda da noite. Viramundo pediu ao carcereiro que abrisse a porta da cela. Pela pouca luminosidade do local, foi João Tocó quem fugiu. No

dia seguinte, ao se dar conta do engano, o carcereiro diz ao mentecapto que só poderia soltá-lo após a volta do preso original ou mediante uma nova detenção.

Acontece que João Tocó não voltou. A quebra de sua promessa forçou Viramundo a permanecer na cela por mais um ano e dois meses, privando-o de um dos pouquíssimos bens que carregava, isto é, sua liberdade. Ainda que o narrador não adentre o íntimo das emoções do protagonista, é bem plausível supormos que sua espera foi permeada por aflição, desolação e apatia. O mentecapto ajudara João Tocó de bom grado, se arriscando para tal mesmo o conhecendo a não mais que um dia. Se um bêbado não tivesse criado um tumulto em frente à casa do padre de Tiradentes, o protagonista teria permanecido preso por mais tempo.

Aliás, momentos antes, o mentecapto tivera mais uma de suas crises de choro, novamente no ambiente clerical. Enquanto visitava a Matriz de Tiradentes, “Viramundo olhava cada detalhe, tentando entender o sentido que continham” (SABINO, 1980, p. 149). Logo se viu imerso em tão intensa reflexão que decidiu se sentar num banco. Perguntou a si mesmo o significado das coisas. Sobre si pairou um rompante de lucidez suficiente para que se desse conta de sua condição miserável: “Não entendia mais nada de nada – e tal desentendimento o atingia tão fundo, que Geraldo Viramundo pôs-se a chorar [...]. Sentia-se completamente vazio por dentro, numa solidão sem remédio” (SABINO, 1980, p. 149-150).

Este estado de espírito o acompanha nas páginas seguintes. Enfim liberto da pequena cadeia em Tiradentes, seguiu seu caminho. Palmilhando a estrada, se viu às voltas com uma numerosa romaria que rumava a Congonhas do Campo, cidade conhecida por ser ponto de frequente circulação de fiéis. Seu ânimo em muito destoava daqueles que o cercavam: “Viramundo, desditoso e atormentado, era alguém que parecia nada mais esperar da vida” (SABINO, 1980, p.159). Este momento de sua trajetória é importante. Trata-se do início da guinada definitiva ao seu destino. Aqui vale notarmos a tonalidade trágica nesta altura de sua vida.

Qual o motivo de tamanho abatimento? A consciência de que jamais mereceria o amor de sua Marília, que de súbito se abateu sobre ele na Matriz de Tiradentes, entre reflexos de ouro do altar e querubins chorando e rindo? Mais do que isto. Embora a perda do amor fosse crucial para a sua alma, ela não era senão a exteriorização de algo mais grave que sentia passar-se no fundo de si mesmo, e que ele próprio jamais saberia formular em palavras: havia simplesmente perdido a fé. Fé em quê? Não sabia. Em verdade, não sabia nem se ele próprio existia realmente ou se não passava da criação

alucinada de alguém mais louco ainda, a divertir-se com sua loucura até que ela o levasse desta para melhor (SABINO, 1980, p. 159-160).

Entre os fiéis e acompanhado por seu filho estava o velho Elias, o mesmo a quem o mentecapto confidenciou sua paixão por Marília Ladisbão e com quem veio a se desentender por isto, quando de sua passagem por Ouro Preto. O amigo integrara a romaria para pedir o dom da visão. Entre eles se trava um diálogo que evidencia o estado de desolação de Viramundo. O cego o convida a acompanhá-lo em sua ida à igreja.

- Acho que na igreja não tem mais lugar para mim – murmurou, como para si mesmo.
- A gente chega cedo...
- De repente o velho Elias se endireitou:
- Não tem lugar como? Então Jesus Cristo Nosso Senhor não está lá para te proteger?
- Não sei se ele está lá.
- E o grande mentecapto sorriu tristemente:
- Este foi o melhor homem que já existiu. E, no entanto, olha só o que fizeram com ele [...].
- Até agora não estou enxergando nada.
- A verdadeira visão é a da luz interior – respondeu Viramundo. – E eu sou como um cego tateando na escuridão.
- É isso mesmo – concordou Elias, impressionado. – Só que eu bem que gostaria de ter também um pouquinho de luz exterior (SABINO, 1980, p. 162).

O desamparo de Viramundo assume uma densidade ainda maior se compararmos sua descrença religiosa com seu fervor dos tempos de seminário em Mariana, quando não raro citava passagens da Bíblia de cor. Aqui é muito diferente: duvida até mesmo que Jesus esteja disponível para protegê-lo na igreja. Claro, não é o caso de Viramundo nutrir rancor à encarnação humana de Deus, como preconiza a fé cristã. Muito pelo contrário: ele reconhece se tratar do “melhor homem que já existiu”. Mesmo assim, aos poucos vai confirmando a impressão de que esteve e está abandonado à própria sorte, vulnerável a truculências, opressões e desmandos. Vemos aí nova incidência de cores trágicas no romance.

Ele logo confirma não ser o único em tal estado: Viramundo testemunha a morte de Elias, vítima de violência policial. O mentecapto, o amigo cego e seu filho Matias se abrigaram numa casa abandonada em Congonhas do Campo. Mesmo encerrada a romaria, os três permaneceram na cidade por mais um tempo. Intencionando esvaziá-la o quanto antes, a polícia local passou a intimidar os fiéis remanescentes.



Viramundo estava na igreja quando a ele aconteceu Matias. No caminho até o casarão, o rapaz ia confusamente explicando que dois soldados tentaram à força retirar o cego do porão. Por ter reagido com sua bengala, foi deixado estirado no chão após sofrer inúmeros golpes de sabre. A intensidade da cena reforça nossa interpretação de que *O grande mentecapto* é de fato uma paleta de cores diversas, entre as quais estão tons mais escuros, isto é, de acentuada densidade trágica.

Viramundo ajoelhou-se e tomou-lhe a cabeça branca nas mãos, sem saber se ainda havia vida por detrás daqueles olhos opacos. Mas o velho ofegava, engasgado, e afinal abriu a boca para deixar escorrer um filete de sangue. Viramundo chamava-o pelo nome, ansioso, abraçava-o, beijava-lhe os olhos: – Elias, o que fizeram com você, Elias, por que fizeram isso, meu Deus... – e soluçava, molhando de lágrima o rosto do amigo. Em pouco era um corpo sem vida que ele apertava desesperadamente nos braços (SABINO, 1980, p. 164).

É vertiginoso o tumulto anímico que acomete Viramundo neste momento. Ele esbraveja com os braços erguidos, “numa voz irreconhecível, como que arrancada do fundo de uma caverna” (SABINO, 1980, p. 165). Um raio corta o céu e uma torrencial chuva começa a cair. O dia amanhece e dá com Viramundo adormecido na soleira da igreja, com as costas apoiadas no umbral de pedra. Uma pomba branca enfim risca o ar e, batendo as asas, pousa próxima a ele. Novamente reforçamos nossa concordância com o apontamento de Maraiza Almeida Ruiz de Castro, para quem “Viramundo enxerga o mundo como um lugar vazio de verdade, repleto de privilégios de classe e trapças” (2018, p. 399).

Enfim, o conjunto de cores que compõem o romance não se restringe às tonalidades tragicômicas: vemos também gradações paródicas, intertextuais, irônicas e satíricas. Vamos explorar melhor as duas últimas na próxima seção.

### **3. A intertextualidade**

Em entrevista concedida ao programa Roda-viva, Fernando Sabino afirmou que Geraldo Viramundo foi inspirado em um tipo popular que havia em Belo Horizonte, chamado Geraldo Boi: “Esse foi mais ou menos o protótipo, mais ou menos o arquétipo desse personagem, que era um seminarista. Nós convivíamos muito com ele. E eu, principalmente, porque a maneira



de suplantando o doido que tem dentro de mim foi escrever esse livro”<sup>7</sup>. Ainda segundo o escritor, o protagonista seria uma mistura de Don Quixote, Chaplin, Hamlet, Hélio Pellegrino, Otto Lara Resende, Vinícius de Moraes e Jayme Ovalle<sup>8</sup>.

Não é exagero afirmarmos que o diálogo com outros autores é um dos principais pilares da obra. Fernando Sabino recorre a “citações diretas, referências, alusões e paródias que incidem sobre uma enorme gama de eventos, pessoas, personagens, discursos e textos que englobam desde países estrangeiros da Idade Média até a literatura mineira da década de 1970” (CASTRO, 2018, p. 281-2). O autor demonstra grande capacidade de aproveitamento da tradição e cultura brasileiras ao retrabalhar elementos importantes “como as lendas, as expressões idiomáticas, as cantigas e parlendas, os jogos de adivinha, os ditados populares, os casos — ou causos — e os chistes” (CASTRO, 2018, p. 281-2). Não à toa, o crítico Luiz Garcia afirmou que o romance consiste em “uma crônica de mineralidades, onde se destacam diversos mineirismos e, admita-se, despontam algumas mineirices. Paisagens mineiras, humor mineiro, pathos mineiro”<sup>9</sup>.

O primeiro indício se encontra logo na abertura, na dedicatória que Sabino faz a sua então esposa, Lygia de Moraes. Ele lança mão de um estilo próprio de romances de cavalaria, com um português que remonta aos séculos XVI e XVIII. É o que fica claro nos trechos “À mui nobre, distinta e formosa senhora dos meus afetos” e “De cujos encantos meu coração é cativo” (SABINO, 1980, s/p). O segundo indício está logo na página seguinte, em trecho de *Ensaio de un Dicionário de la Literatura*, de Federico Carlos Sainz de Robles, do qual Sabino extraiu a definição de “picaresco”.

Com isto, o autor nos antecipa a tônica principal da obra: trata-se das aventuras e desventuras de um “rapaz engenhoso, aventureiro, pobretão, folgazão”, sempre às voltas com “meretrizes, vagabundos, capitães desempregados, estudantes loucos ou inteligentes”. A análise que desenvolvemos até aqui já é o bastante para corroborar todos estes predicados. Agora, vale

<sup>7</sup> SABINO, Fernando. *Fernando Sabino* – 25/12/1989 (1:06:59 a 1:07:42). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-0YwkdS2igE>. Acessado em: 15 de março de 2021.

<sup>8</sup> Idem.

<sup>9</sup> GARCIA, Luiz. Minas revisitada na volta de Sabino. *O Globo*, Rio de Janeiro, 2 de dezembro de 1979. Seção “Livros”. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/busca/?tipoConteudo=pagina&ordenacaoData=dataAscendente&allwords=O+grande+mentecapto&anyword=&noword=&exactword=O+grande+mentecapto&decadaSelecionada=1970>.

pontuarmos que o personagem vai além deles, ao também demonstrar muitas vezes coragem e altruísmo raros, sem contar certa inocência de colorido tenro e infantil.

Mas, voltando aos traços de romance de cavalaria: cada capítulo traz uma espécie de epígrafe que resume seu conteúdo. Maraiza Almeida Ruiz de Castro confirma este apontamento, ao afirmar que “tal técnica é bastante tradicional, tendo sido empregada anteriormente nas novelas de cavalaria da Idade Média, por exemplo, que narravam aventuras vivenciadas pelos cavaleiros andantes” (2018, p. 277). Vemos nisto outro sinal de intertextualidade e até de ironia. Afinal, tal recurso “faz parecer que o protagonista Geraldo Viramundo é uma espécie de cavaleiro andante brasileiro, o que a sua trajetória de vida confirma e refuta ao mesmo tempo devido à ambivalência do personagem, que é simultaneamente herói e anti-herói” (CASTRO, 2018, p. 277).

Outra semelhança com o gênero, acima citado, está nos muitos momentos em que Viramundo se refere à Marília Ladisbão com o pronome de tratamento “Sua Alteza”. Notamos aqui não só o desvario do personagem como também certa influência de Dom Quixote, tanto por conta do amor impossível e platônico quanto pelo tratamento de nobreza dado à filha de um governador. Hudson Oliveira Fontes Aragão corrobora este ponto ao afirmar que a obra “se constitui numa das expressões do quixotismo na literatura brasileira, pois a loucura é característica fulcral do itinerário de D. Quixote e de Geraldo Viramundo” (2015, p. 36). O pesquisador é certo ao constatar o parentesco da obra com os romances pícaros.

*O grande mentecapto* de fato guarda algumas diferenças em relação ao gênero. A nosso ver, Hudson Oliveira Fontes Aragão foi feliz ao também constatá-las. Isto porque uma das características do protagonista destes romances é o desejo de ascensão social, o que o leva a não raro lançar mão da trapaça para realizá-lo. Não é este o caso de Viramundo. Afinal, como bem percebeu Aragão, ele não aceita esmolas (2015, p. 26). A propósito, lembramos sua recusa a receber tanto o ordenado pelo trabalho de zelador do casarão do Marola – edifício abandonado em que eram realizados os ensaios da orquestra Euterpe Lira de Ouro, quando de sua passagem por São João del Rei –, quanto sua comissão nas vendas dos doces de dona Maria Eudóxia, no período que passou em Leopoldina.

A Bíblia também tem presença marcante no romance. Notamos trechos de versículos nas falas de Viramundo, sobretudo nos anos em que viveu no seminário de Mariana. É o que vemos no desfecho da fatídica cena da viúva Correia Lopes no confessionário, quando

acreditava estar conversando com o padre Tibério: “São Paulo disse para as viúvas: ‘Todavia, se não têm continência, casem-se’. Epístola aos Coríntios, número sete, versículo nove. Por que a senhora não torna a se casar?” (SABINO, 1980, p. 42).

A menos de dez páginas vemos nova menção à Bíblia. Trata-se do Evangelho de João, capítulo oito, versículo sete, em que Jesus protege a mulher adúltera da fúria vingadora da multidão. No caso, Viramundo cita uma passagem do texto para tentar proteger a viúva Correia Lopes: “Ninguém encosta a mão num fio de cabelo dessa mulher sem passar por cima do meu cadáver! Jesus disse para os fariseus: ‘Aquele que dentre vós está sem pecado, seja o primeiro que lhe atire uma pedra’” (SABINO, 1980, p. 50-1).

Há um caso no mínimo intrigante no início do capítulo III. Diz o narrador não haver dados relativos aos dez anos que Viramundo levou para chegar a Ouro Preto. Ele faz menção a *Roteiro lírico de Ouro Preto*, de autoria de Afonso Arinos de Melo Franco (1868-1916). Da obra consta que circulou pela cidade, com o próprio autor, um tipo cujas características correspondiam às de Viramundo. Acontece que Afonso Arinos faleceu em 1916, em Barcelona. Quanto ao tempo de vida do protagonista, a datação mais provável está entre 1915 e 1948.

Logo, é impossível que ambos tenham convivido, até porque a primeira notícia de Viramundo em Ouro Preto surge quando ele já contava com 28 anos. Muito provavelmente este detalhe cronológico não passou despercebido por Sabino. Nossa hipótese é de que aqui se trata de um gracejo intertextual, por assim dizer, visando homenagear um ilustre nome da literatura mineira, que ocupou a cadeira 40 da Academia Brasileira de Letras, lecionou Direito Criminal na Faculdade de Direito de Minas Gerais e teve, como irmão, o diplomata Afrânio de Melo Franco, que dá nome a uma avenida da zona sul do Rio de Janeiro.

Podemos lembrar das trapalhadas militares vividas por Viramundo em Juiz de Fora. Ali, nos momentos de calmaria, o protagonista às vezes recordava poemas para passar o tempo. Exemplo é “Veritas Veritatis”, citado integralmente nas páginas 116 e 117. O autor é Jésu de Miranda, oficial da Polícia Militar, nascido em Guaxupé e que chegou a viver em Juiz de Fora. Aliás, Sabino chega a citá-lo na já mencionada entrevista ao programa Roda-viva, da TV Cultura.

Foi em meio ao conflito entre os exércitos Azul e Vermelho em que o mentecapto, munido de um simples rebenque, avançou contra um rebanho de cabras que pastava. A intertextualidade fica clara neste momento. O narrador diz que Viramundo realizou tal manobra

“de maneira tão quixotesca” que, para relatá-la, valeria a pena recorrer ao idioma de Miguel de Cervantes. Dito e feito: nos vemos diante de um breve relato de 22 linhas, redigido em espanhol e seguido pela tradução atribuída à jornalista uruguaia Glória Rodriguez Werneck de Castro, conhecida pelo apelido de “Nené”, que havia trabalhado no consulado de seu país no Rio de Janeiro. Trata-se de uma homenagem à esposa de Moacyr Werneck de Castro, jornalista com passagem pelo *Última Hora* e autor dos livros *Europa 1935* (2000) e *No tempo dos bem-te-vis* (2004), falecido em novembro de 2010. Ambos eram amigos de Sabino na vida real.

Viramundo cita um poema de Augusto dos Anjos em sua despedida de Leopoldina, cidade da Zona da Mata mineira em que o escritor de fato faleceu em 1914, aos 30 anos. Enquanto viveu ali, trabalhou vendendo na rua os confeites de Maria Eudóxia. Era acompanhando por Chico Doce, vendedor de cocada e homem muito religioso, a quem logo se afeiçoou. Ele rezava em voz alta, enquanto Viramundo declamava versos do poeta paraibano.

As páginas seguintes talvez sejam as que mais condensam intertextualidades. O protagonista circula por inúmeras cidades mineiras. São citados o romancista Rosário Fusco, o historiador Viterbino César e o cronista Chico Inácio. O narrador diz que havia em Minas Gerais quem afirmasse ser Viramundo irmão mais novo de Diadorim, personagem de *Grande sertão: veredas*. Como se não bastasse, conta ainda que “Alan Prateado”, ficcionista natural de Patos de Minas, conhecia uma canção popular feita em homenagem ao mentecapto.

Há também em Minas quem chegue a afirmar que Viramundo era irmão mais moço de Diadorim, mira e veja! Nonada. Alan Prateado, outro celebrado romancista das Alterosas, afirma com segurança:

- Sei que existiu, porque lá em Patos de Minas, quando eu era menino, até se cantava uma musiquinha dedicada a ele, assim: *Oi, cadê Viramundo, pomba...*
- Não é *pomba* não? – pergunto, tomando nota.
- Não. É *pemba* mesmo – assegura o romancista, que sabe o risco do bordado (SABINO, 1980, p. 178; grifos do autor).

Não custa muito perceber a menção velada ao escritor Autran Dourado, tanto por meio do codinome “Alan Prateado” como pela expressão “risco do bordado”, título de um de seus romances. Ainda na mesma página, diz o narrador que encontrou indícios da passagem de Viramundo por Curvelo. O mentecapto ali teria passado uma noite “na própria casa assassinada por Lúcio Cardoso em sua famosa crônica” (SABINO, 1980, p. 178). Aqui Sabino claramente se refere a *Crônica da casa assassinada*, livro lançado por Cardoso em 1959.

As menções continuam. É o que notamos quando o personagem circula por Brejo das Almas e Itabira, cidade-natal de Carlos Drummond de Andrade: “Em Brejo das Almas encontrou pela primeira vez o poeta maior e em Itabira prestou-lhe homenagem, de joelhos diante do sino da igreja que o batizou, rendendo graças à poesia e ao sentimento do mundo que ela lhe deu” (Sabino, 1980, p. 186). Para Maraiza Almeida Ruiz de Castro e Sérgio Vicente Motta, “o lado *gauche* da poesia de Drummond se faz muito presente na personalidade do anti-herói Viramundo, sempre marginalizado, desviante e desajustado em relação ao mundo” (2012, p. 4; grifo dos autores).

Drummond de fato aparece aqui e ali no romance. Exemplo é quando Viramundo está olhando as estátuas dos profetas de Congonhas do Campo, esculpidas por Aleijadinho: “Era aquela hora tardonha e morna, na indolência de Minas Gerais, em que o sol castiga os telhados e só, na porta da venda, Tutu Caramujo cisma na derrota incomparável” (SABINO, 1980, p. 163). Trata-se do último verso do poema “Itabira”, publicado no livro *Alguma Poesia* (1930): “só, na porta da venda, Tutu Caramujo cisma na derrota incomparável”.

O narrador reproduz a cena em Congonhas do Campo, e não em Itabira. Por isso, chega a redigir uma breve nota de rodapé para justificar a adaptação. O trecho destacado representa uma das mais evidentes paródias presentes na narrativa. Recurso linguístico importante no estabelecimento da polifonia e do diálogo intertextual, a paródia “homenageia o texto original por meio de sua retomada e realiza um desvio, deslocando os sentidos do mesmo. Desta maneira, ao parodiar um texto, uma obra carnalizada refuncionaliza-o, realizando uma renovação” (CASTRO, 2018, p. 262).

Após ser levado à Cidade Livre dos Mendigos, em Belo Horizonte, Viramundo acaba internado novamente em um manicômio. O diretor da instituição tem o nome de Dr. P. Legrino, “médico ainda jovem, mas de grande tirocínio e competência, versado nos mais modernos e revolucionários métodos de tratamento, de Freud para cima e de Jung para baixo” (SABINO, 1980, p. 205). Trata-se de alusão quase que direta a Hélio Pellegrino, escritor, psiquiatra e amigo de Fernando Sabino ao longo de praticamente toda sua vida. Aliás, consta um “trabalho” de “autoria” do Dr. P. Legrino na “bibliografia” que encerra o livro, citado por nós quando de nossa análise dos traços irônicos.

Enfim, a paródia e a intertextualidade estão entre as principais cores que compõem a variada paleta do romance, junto, claro, às tonalidades cômicas e trágicas. Procuramos perfazê-

las todas ao máximo ao longo desse artigo, que tem, claro, também como objetivo ressaltar não só a riqueza temática de *O grande mentecapto*, mas ainda a vertiginosa densidade da literatura mineira e dos nomes que a compõem, tão bem homenageada por Fernando Sabino na referida obra.

## Referências

ARAGÃO, Hudson Oliveira Fontes. *O grande mentecapto, de F. Sabino: a construção literária e social do anti-herói Geraldo Viramundo*. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe (PPGL/UFS). São Cristóvão, 2015.

CASTRO, Maraiza Almeida Ruiz de. *Uma compreensão da loucura em Quincas Borba, O louco do Cati e O grande mentecapto*. Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração – Teoria e Estudos Literários, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (Unesp). São José do Rio Preto, 2018.

CASTRO, Maraiza Almeida Ruiz de & MOTTA, Sérgio Vicente. “O diálogo intertextual em *O grande mentecapto*, de Fernando Sabino”. *Recorte – Revista eletrônica de Letras*, Três Corações, v. 9, nº 1, 2012.

SABINO, Fernando. *O grande mentecapto*. 6ª edição. Rio de Janeiro: Record, 1980.

AUTOR: Gustavo Rocha Ferreira e Silva

E-mail: [Gustavo.rfs@gmail.com](mailto:Gustavo.rfs@gmail.com)

Orcid: 0000-0003-0666-1654.

Recebido em: **12 jul. 2022**

Aprovado em: **19 jul. 2022**